



NOVAS DINÂMICAS DA REDE URBANA DA MESORREGIÃO DO SUL/SUDOESTE DE MINAS GERAIS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS TIPOS IDEAIS DE ROBERTO LOBATO CORRÊA

Leonardo Alborghetti ¹
Sérgio Henrique de Oliveira Teixeira ²

RESUMO

O presente estudo propõe compreender a rede urbana sul mineira através dos processos de fragmentação e unidade, construído na relação entre a totalidade e as partes. Dessa forma, em um primeiro momento, questiona-se o paradigma hierárquico centrado na análise metropolitana, em que as relações heterárquicas de complementaridades entre as cidades, passam a romper as subordinações clássicas. Para condicionar a rede urbana sul mineira, fez-se uso de categorias analíticas organizadas por Corrêa, através dos tipos ideais de cidades, tendo como princípio a organização funcional das cidades - categorizações relacionadas às cidades pequenas.

Palavras-chave: Rede urbana, Tipos ideais, Cidade pequena, Sul de Minas Gerais

ABSTRACT

The present article proposes to understand the South of Minas Gerais urban network through the fragmentation and unity process, constructed in relation between the totality and the parties. In this way, a first moment, the hierarchical paradigm centered in metropolis is questioned, in which the complementarity heterarchical relations between the cities, start to break the classical subordinations. To condition the South of Minas Gerais urban network, analytics categories organized by Corrêa were used, through the cities ideal types, having as a principle the cities organizations functionalities - categories related to small cities.

Keywords: Urban network, Ideal types, Small city, South of Minas Gerais.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia pelo IFSULDEMINAS - *Campus* Poços de Caldas, leoalborghetti3@gmail.com;

² Professor doutor no IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas, sergio.teixeira@ifsuldeminas.edu.br.



INTRODUÇÃO

As mudanças pelas quais a rede urbana brasileira passou, advém da complexidade de processos – urbanização, globalização, metropolização etc. – dos quais novas funcionalidades surgiram, alterando os padrões clássicos da rede, marcada pela estrutura hierárquica. Estes processos, especializados pela relação entre o movimento de concentração, desconcentração e reconcentração espacial, não nos permitem aceitar mais que a rede urbana possa ser vista em sua complexidade apenas pelo paradigma hierárquico, aquilo que Karel Kosik (1976) chamou de “paradigma fragmentário da totalidade”.

Propôs-se compreender a rede urbana por meio dos processos de fragmentação e unidade, construído na relação entre a totalidade e as partes. Dessa forma, questiona-se o paradigma hierárquico centrado na análise metropolitana, e que muitas vezes, impede de valorizar as articulações interescares. Compreendida a partir do paradigma fragmentário, a análise da rede urbana, resultou em análises com foco no padrão hierárquico, explicado pela concentração espacial do capital no território que ocorre de forma diferenciada. Entretanto, novas dinâmicas atreladas aos processos de fragmentação do espaço e da existência de relações verticalizadas e extravertidas possibilitaram que cidades antes tidas como subordinadas hierarquicamente à centros superiores estabelecerem relações não hierárquicas ou trans-escalares com centros superiores à sua região de influência. Processo esse que designa-se, segundo Catelan (2013) de Heterarquia urbana, que se configura como “[...] uma possibilidade de mostrarmos o diverso na natureza complexa da rede urbana hierarquizada. Traduz-se numa perspectiva metodológica do espaço relacional, em que o espaço dos fluxos e das redes se articula com o espaço dos lugares” (CATELAN, p. 266, 2013).

Ao tomar esse paradigma, vários autores utilizaram a análise de espacialização das infraestruturas, tais como foram os casos das empresas e corporações. São exemplares os estudos que buscaram identificar o processo de concentração seguido da desconcentração, sobretudo a partir de meados do século XX, quando a indústria paulista saiu da região metropolitana em direção ao centro-oeste do estado de São Paulo (LENCIONE, 1999).



Outro exemplo são os estudos que mapearam esses processos relacionados às cidades médias (SPOSITO, 2010). Identificaram a existência de empresas já existentes em cidades de porte médio e cidades médias, ainda que pequenas e de pouca sofisticação no padrão organizacional, que ganham capacidade de produção beneficiadas pelo contexto regional e de articulação das lógicas no âmbito nacional e internacional.

Desta forma, neste trabalho, procurou-se contribuir com essas análises a partir da análise do caso das cidades pequenas da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais. Para tanto, utilizou-se da conceituação de tipos ideais de cidades proposta por Roberto Lobato Corrêa (2011). Notou-se, ao final da análise, portanto, que o entendimento contemporâneo da rede urbana evidencia um novo padrão, que se conformou estabelecendo uma maior complementaridade de relações entre as cidades. Em uma mesma rede regional, novas funcionalidades dotam as cidades de relações hierárquicas de subordinação. Entretanto, com as mudanças operadas no capitalismo globalizado, vê-se ascender nos últimos anos relações heterárquicas de complementaridades entre as cidades, rompendo as relações de subordinação clássicas (CATELAN, 2013). Portanto, a análise aqui proposta, busca entender a rede de cidades por meio de suas tensões históricas que levaram a um desenvolvimento dos aspectos teóricos metodológicos em seus diversos elementos. Para categorizar a rede urbana sul mineira, fez-se uso de categorias analíticas organizadas em CORRÊA (2011). Neste plano, o autor analisa uma tipologia de tipos ideais de cidades, tendo como princípio a organização funcional das cidades. Posto isso, utilizou-se neste trabalho as categorizações relacionadas às cidades pequenas.

METODOLOGIA

O presente estudo é consequência de um projeto de pesquisa, intitulado “Análise da Região de Influência de Cidades do Sul e Sudoeste de Minas Gerais, entre 2008 e 2018”, o qual foi aprovado pelo IFSP/IFSULDEMINAS. Dessa forma, o desenvolvimento do presente estudo, deu-se em dois momentos: inicialmente, a bibliografia foi metodicamente selecionada, dando origem a uma biblioteca digital, sendo armazenada em nuvem, no qual estudos com foco sobre a rede urbana e formação territorial da mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas Gerais, balizaram e deram origem à produção do artigo. Assim, buscou-se utilizar principalmente nas categorias de análise de Corrêa (2011), no que concerne aos tipos ideais de cidade para estruturar algumas dessas



ressignificações. Para traçar um quadro comparativo, utilizamos uma comparação da posição das cidades na rede urbana diagnosticada pelos estudos da Rede de Cidades publicados pelo IBGE em 2008 e 2020.

Em um segundo momento, após a seleção bibliográfica e seu estudo, o uso do *software* livre QGis 3.18 amparou na confecção de recursos cartográficos, a fim de explicitar e espacializar os resultados obtidos na análise das pequenas cidades. Para tal, foram criados - e armazenados no *software* - diversos *shapefiles* sobre a rede urbana sul mineira, com *layouts* padronizados. As classes dos centros urbanos seguiram o padrão das publicações das REGIC 2007 e 2018.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa baseou-se principalmente em um estudo de Roberto Lobato Corrêa (2011), onde o autor discorre sobre os tipos ideais de cidades, onde procurou aplicá-las às cidades pequenas, com análise na relação do urbano com o rural, ressignificando o papel destas na rede urbana sul-mineira. Segundo Corrêa, a pequena cidade é categorizada como um local concentrado, em que antecede ou sucede os núcleos de povoamento da hinterlândia.

De maneira complementar, foi organizada leitura dos novos processos internos à rede urbana que se manifestam nas explicações recentes sobre as novas dinâmicas e processos que influem na rede urbana, em especial as desenvolvidas por Catelan (2013); Spósito (2010); Lencione (1999); IBGE (2008; 2020). Dessa forma, optou-se por esse arcabouço, uma vez que qualificar e aproximar a ideia da heterarquia urbana defendida como par da hierarquia e modos de se compreender os novos arranjos do movimento no espaço, fez-se necessário.

[...] a possibilidade de compreensão dos interstícios gerados na estruturação hierárquica da rede urbana e na complexa trama de interações espaciais urbanas interescares. No que se refere às cidades médias, a heterarquia urbana corresponde ao momento em que as horizontalidades e as verticalidades encontram-se, quando o local/regional é articulado definitivamente à reprodução do capital e às redes que passam a coexistir em múltiplas escalas. (CATELAN, 2013, p. 78).

Ao questionar o paradigma fragmentário, tem-se, então, duas formas complementares de se compreender as interações espaciais na rede urbana. Uma forma está associada diretamente à estrutura hierárquica da rede, ou seja, sua configuração e seu



arranjo espacial com centros urbanos dispostos em níveis escalares de distintas funcionalidades. Outra forma está associada à complexidade das articulações entendidas pela heterarquia urbana, que analisa as interrelações de complementaridade na rede urbana por meio dos papéis e das funções que mudam conforme o conjunto de variáveis adotadas nas diferentes escalas geográficas.

O estudo da região de influência de cidades em 2007 (IBGE, 2008), buscou atualizar os estudos anteriores ao estabelecer a ideia de redes hierárquicas e redes não hierárquicas definidas por suas relações de fluxos de comando e complementaridade. Contudo, faz-se necessário avaliar os avanços no atual estudo da região de influência de cidades, que procura identificar além da hierarquia, a área de influência dos centros urbanos do país, procurando evidenciar também o vínculo espacial (complementaridade) entre eles. Desta forma, é apresentado a dinâmica de interação entre as localidades urbanas (Arranjos Populacionais e cidades) do Brasil na forma de redes urbanas articuladas, onde suas dimensões territoriais são contempladas, bem como os padrões de organização e número de centros subordinados em escalas regional e nacional.

Nota-se que entre os elementos fundamentais de estruturação da rede urbana deve se levar em conta o processo de constituição da urbanização e suas mudanças, que, segundo Henry Lefebvre (2004) mudaram os padrões de constituição do sistema como um todo. Nesse mesmo sentido, Milton Santos (2003), evidencia a mudança operada pela involução urbana, identificando que entre os anos de 1940 e 1980 um grande fluxo migratório densificaram as grandes cidades (médias, grandes e metrópoles) da região Sul e Sudeste, mudando com isso, funções e hierarquias das redes.

Para tanto, como dito, ao analisar os processos relacionados às novas formas de organização e novas dinâmicas que enquadram as cidades sul mineiras, passou-se a analisar os tipos ideais de cidades propostos por Corrêa, de maneira que foram utilizadas como forma de hipótese de enquadramento das pequenas cidades da mesorregião. Trata-se de uma perspectiva ainda inicial e que tem se mostrado frutífera para o entendimento de continuidades e rupturas dos padrões de cidades propostos pelo autor, uma vez que ao considerar os cinco tipos propostos, estas se apresentam como uma via de entendimento das dinâmicas ligadas ao processo de inserção destas cidades na rede urbana, mas também com ressignificação de seus papéis na mesma, atentando para os processos que tomamos como conformação de uma nova dinâmica atrelada à Heterarquia.



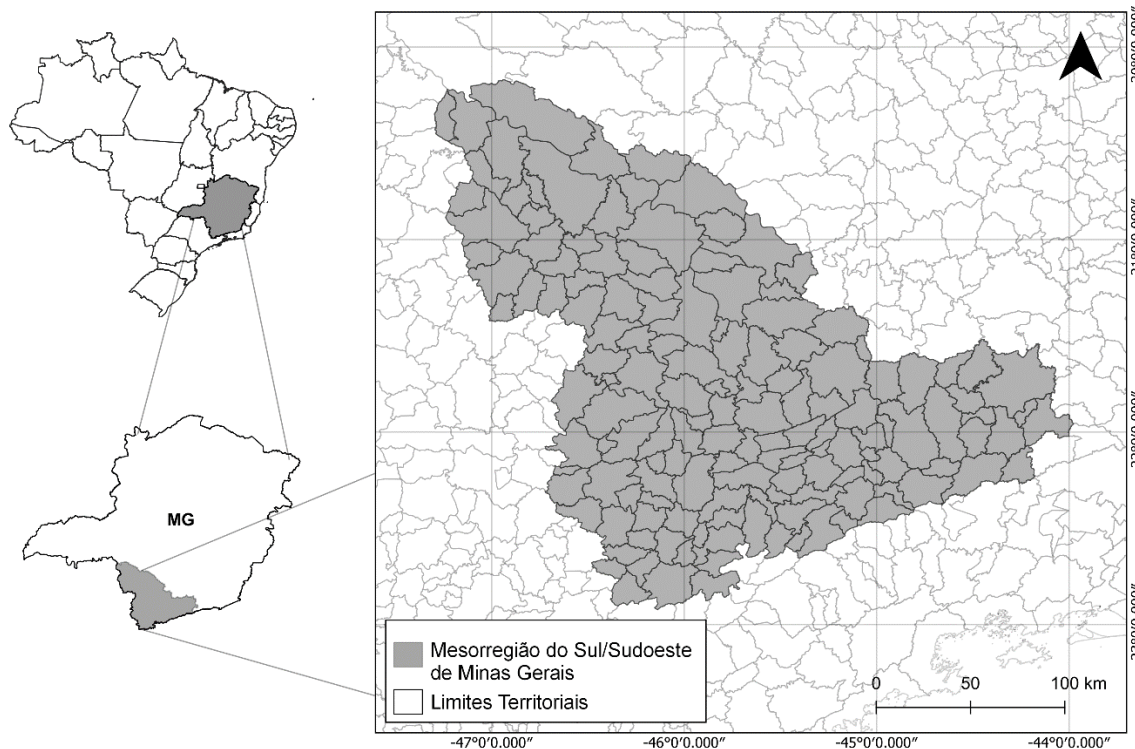
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural”, de Corrêa (2011), o autor analisa a relação do urbano com o rural através do papel das pequenas cidades. Segundo o autor, a pequena cidade “trata-se de habitat concentrado que ora antecede o povoamento da hinterlândia, ora verifica-se posteriormente. Fala-se, respectivamente em habitat concentrado primário e habitat concentrado secundário” (CORRÊA, p.6, 2011).

Posto isso, uma pequena cidade resulta de inúmeros processos: “patrimônios religiosos”, “bocas de sertão”, pouso de tropas de mulas, e entroncamento de vias de circulação; Deffontaines (apud CORRÊA, 2011) propõe uma tipologia a respeito da criação de cidades, tipologia na qual, em muitos casos, as relações entre o urbano e o rural estão presentes. Acrescente-se as cidades que nasceram de quilombos ou como “company towns”. A pequena cidade é, assim, um núcleo dotado da função de sede municipal. Associada a essa função político-administrativa, seja de forma causal ou em consequência, há atividades econômicas vinculadas à produção e circulação de mercadorias e à prestação de serviços (CORRÊA, 2011).

Principalmente após 1950, tanto na parte rural, quanto na parte urbana, verificou-se no Brasil um conjunto de transformações que afetaram a sociedade brasileira. No que diz respeito à parte rural, houve industrialização no campo, aumentou-se a demanda de bens e serviços, a dependência da agricultura à indústria estreitou-se, etc. Já no que consta ao urbano, viu-se um desenvolvimento da indústria, atração da população do campo, potencialização da circulação, etc. (CORRÊA, 2011; SANTOS, 1996). Dentro destas novas perspectivas, a pequena cidade do final do século XX e início do século XXI, constitui-se em um nó de uma vasta e complexa rede urbana, na qual o papel que desempenhava nas relações urbano-rural foi alterado. Deu-se, então, a partir desses processos a ascendência de novas centralidades não mais designadas apenas pelos padrões hierárquicos, mas também por padrões de uma nova Heterarquia, cuja análises passamos a tomar por meio do caso concreto das cidades da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, popularmente conhecida como Sul de Minas.

Figura 1: Mapa da localização da mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas Gerais



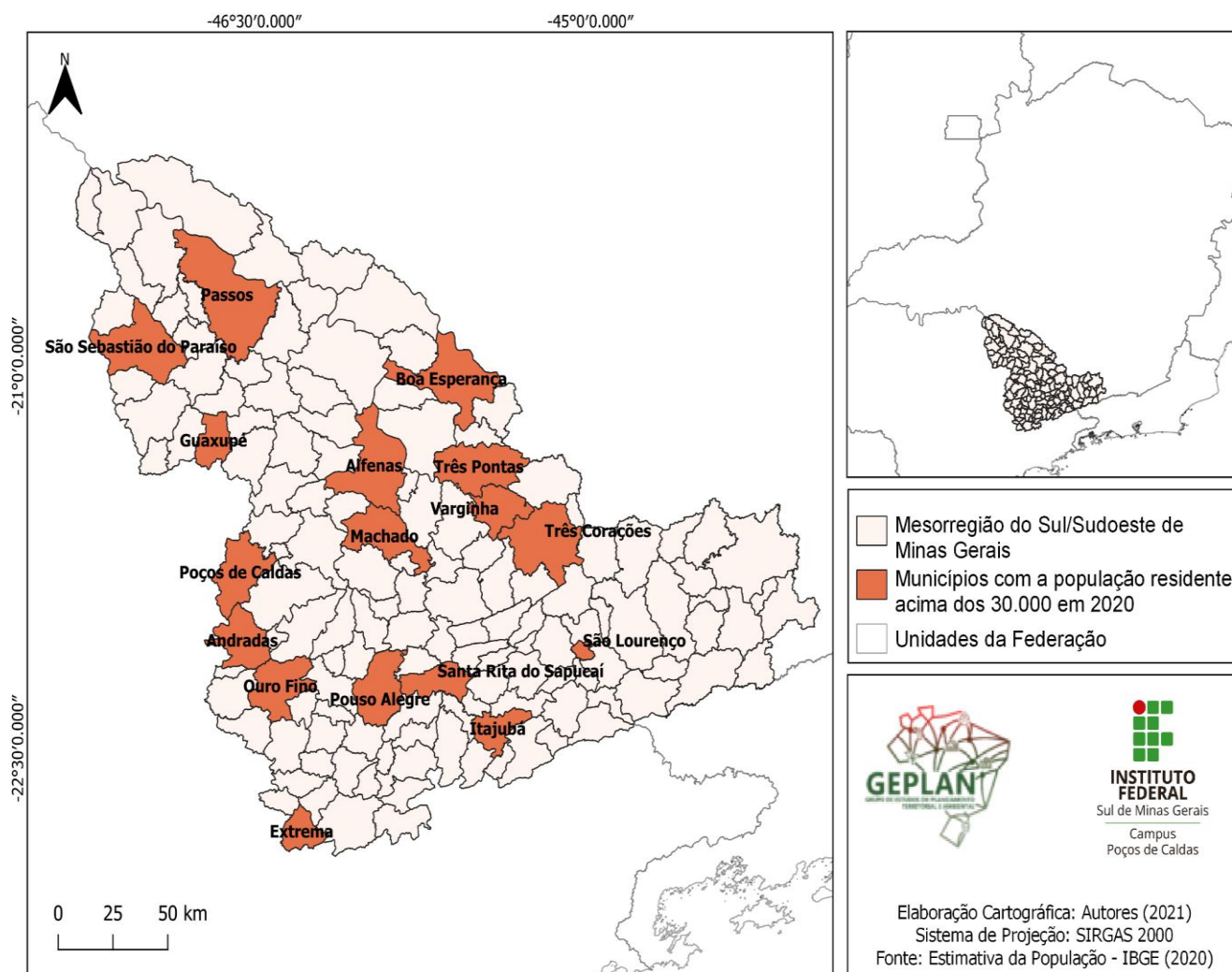
Fonte: Autores (2021)

A mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas Gerais, segundo estimativa do IBGE em 2020, tem 2.944.681 de residentes. Com 146 municípios, apenas 17 destes possuem mais de 30.000 residentes.

Contudo, será considerado aqui, os graus de centralidade da cidade, ao invés de tamanho demográfico, uma vez que, para Corrêa, cidade pequena

se caracteriza por ser um centro local, isto é, um centro que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia, onde vive uma população dispersa dedicada sobretudo às atividades agrárias. Em muitos casos, vilas e povoados estão em sua hinterlândia: constituem eles núcleos de povoamento dedicados essencialmente às atividades agrárias. Mas muitas pequenas cidades têm em suas hinterlândias algumas pequenas cidades, menores ainda, que em um passado não muito distante, constituíam vilas e povoados subordinados a elas. (CORRÊA, p. 6-7, 2011)

Figura 2: Mapa dos municípios com população residente acima dos 30.000 (2020)



Os tipos ideais a seguir apresentados podem ser vistos como um plano analítico, que visa descrever o que constituem na atualidade as pequenas cidades, onde hipotetiza-se que tais tipos se apliquem a rede urbana sul-mineira. Os lugares centrais, caracterizam o primeiro tipo. Trata-se de centros locais e, em menor frequência, centros de zona (a ou b). Segundo CORRÊA (2011), se caracterizam uma vez que se localizam sobretudo nas áreas incorporadas à industrialização do campo, áreas agrícolas modernizadas. Pode-se dizer, que se tratam das “cidades no campo”, conforme exposto por Milton Santos (2011). Na mesorregião do Sul de Minas, temos como exemplos de cidades pequenas que exercem algum tipo de centralidade: Borda da Mata, Ouro Fino, Lambari, Boa Esperança, Machado, Andradas, Três Pontas. São municípios ligados fortemente à agricultura, lugar central de uma hinterlândia agrária moderna, capitalista. “Este lugar central deve ser



considerado como parte integrante do Complexo Agro-Industrial, reflexo, meio e condição deste quadro geográfico” (CORRÊA, 2011, p 11).

Os centros especializados, caracterizam o segundo tipo. São núcleos de povoamento que, a partir de atividades específicas, passam a apresentar características singulares. Tratam-se dos centros têxtil de confecções, celulose e papel, mineração, peregrinação. As outras atividades econômicas também desempenhadas nestas cidades são mais dependentes da atividade específica. “Trata-se da pequena cidade no campo, dele estando essencialmente desvinculado: seus principais fluxos são de longa distância e, em muitos casos, estranhos à área próxima.” (CORRÊA, p. 11, 2011). No recorte que aqui se discorre, é possível encontrar em Jacutinga (centro têxtil, ligando-se com Poços de Caldas, Pouso Alegre e municípios paulistas fronteiriços), municípios que se localizam na Serra da Mantiqueira (ecoturismo e hotelaria), Santa Rita de Caldas (turismo religioso), etc.

Os reservatórios de força de trabalho se caracterizam como o terceiro tipo proposto por Corrêa. Estas cidades se configuram como áreas de integradas ao complexo agroindustrial.

“Constituem pobres e tristes núcleos de povoamento, mais agrários do que urbanos, locais de existência e reprodução de uma força-de-trabalho expulsa do campo seja porque este foi submetido à industrialização, seja porque tornou-se decadente ou estagnado. As relações entre o urbano e o rural se fazem também por serem esses núcleos focos de atividade política em torno das condições de trabalho no campo.” (CORRÊA, p. 11, 2011)

Na mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas, é possível ver tipos de reservatórios de força de trabalho temporários, em municípios que dependem da colheita em propriedades médias, mercados periódicos (malha, turismo, festival). Dos cinco tipos percorridos por Correa, este é o que aparenta ser menos comum na mesorregião, seja por característica das propriedades (pequenas e médias, mecanizadas), seja pela divisão territorial do trabalho melhor definida. Contudo, é necessário avaliar caso a caso, uma vez que as dinâmicas espaciais se alteram, além da proximidade fronteiriça com o oeste paulista, onde este tipo de cidade é muito comum (CORRÊA, 2011).

Ao discorrer acerca do quarto tipo, os centros que vivem de recursos externos, Corrêa coloca os lugares centrais antigos, que se tornaram decadentes, estando localizados em áreas agrícolas que se estagnaram. No Sul de Minas, muitas cidades se favoreceram, entre 1975-1980, com a decadência do estado paranaense no que diz



respeito a hegemonia na produção e exportação cafeeira, graças as grandes geadas nas partes baixas e altas do estado (MARTINS, 2010). Contudo, devido aos avanços dos demais municípios da mesma região, tanto no que diz respeito a avanços produtivos do café, quanto à industrialização, ou mesmo a proximidade com municípios paulistas que se tornaram atrativos à população para serviços, propiciaram a estas pequenas cidades, tal estagnação.

Finalmente, ao analisar o quinto tipo, os subúrbios-dormitórios, que constituem “o resultado da absorção de um antigo lugar central por uma grande cidade em crescimento e expansão” (CORREA, p. 12, 2011), podemos aplicá-lo à mesorregião, uma vez que se mostra um tipo recorrente de cidade pequena na rede urbana sul mineira. Municípios limítrofes ou bem próximos às Capitais Regionais C (Poços de Caldas, Pouso Alegre e Varginha), municípios limítrofes ou agregados aos arranjos populacionais (São Lourenço, Passos, Itajubá, Cambuí, Caxambú-Baependi), municípios que são limítrofes ou próximos aos municípios que concentram polos de ensino superior (Alfenas) e multinacionais (Extrema), são exemplos destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, pretendeu-se aqui, utilizar do plano analítico de Roberto Lobato Corrêa como possibilidade de explicação do posicionamento das cidades da mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas Gerais na rede urbana. Ao considerar os cinco tipos propostos pelo autor, estas se apresentam como uma via de entendimento das dinâmicas ligadas ao processo de inserção destas cidades na rede urbana, mas também com ressignificação de seus papéis na mesma, atentando para os processos que tomamos como conformação de uma nova dinâmica atrelada à Heterarquia.

A cidade pequena aqui, foi definida após conceituação de Corrêa, em que esta é um centro local, que possui certa centralidade intra-municipal, sua hinterlândia, onde a população é espaçada, dedicando-se principalmente às atividades agrárias. Dessa forma, a necessidade de compreender as novas dinâmicas na rede urbana sul mineira, sobretudo referentes às pequenas cidades, utilizou-se dos tipos ideais, apresentados como um plano analítico por Corrêa. Assim, pôde ser analisado, que, além do número populacional, ainda sim, existem relações hierárquicas, mas também heterárquicas, entre pequenas cidades, uma vez que cada um dos tipos ideais aplicados à mesorregião, explicita tais funções.



Os lugares centrais, a título de explicação, mostram-se como o tipo que apresenta certa centralidade entre as próprias cidades pequenas vizinhas. Os centros especializados, em contrapartida, explicitam a divisão territorial do trabalho na mesorregião, além da dependência de determinadas atividades econômicas nestes pequenos centros. O terceiro tipo apresentado e aplicado ao recorte estudado, são reservatórios de força de trabalho temporários, vistos nos municípios que dependem da colheita em pequenas e médias propriedades e dos mercados periódicos. É possível, a partir destas explanações, encontrar relações de complementaridade, ou seja, heterárquicas, entre os tipos, mas também uma relação vertical entre elas. A vista disso, os centros que vivem de recursos externos, lugares centrais antigos, que se tornaram decadentes, estando localizados em áreas agrícolas que não mais se expressaram. Ao se aproximarem de pequenas cidades com dinâmicas diferentes, este último tipo apresentado, pode ser dependente de lugares centrais, devido a sua centralidade, mas também de centros especializados e/ou reservatórios de força de trabalho temporários, apresentando, novamente, clara relação de dependência e complementaridade. Por fim, os subúrbios-dormitório, último tipo utilizado para compreensão das novas dinâmicas das pequenas cidades da mesorregião, são exemplos comuns de pequenas cidades próximas aos maiores centros, podendo gozar dos serviços ofertados por eles.

REFERÊNCIAS

CATELAN, M. J. *Heterarquia urbana: Interações espaciais interescolares e cidades médias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013

CORREA, R. L. *As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural*. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, No 30, pp. 05 - 12, 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influências das Cidades 2007 - REGIC*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influências das Cidades 2018 - REGIC*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro, 1976.

LEFEBVRE, Henry. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

LENCIONE, S. *Região e Geografia*. São Paulo: EDUSP, 1999.

MARTINS, A. L. *História do café*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. Edusp: São Paulo, 2005.

SANTOS, M. *Da Totalidade ao Lugar*. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SPOSITO, M. E. B. *Novas redes urbanas: as cidades médias e pequenas no processo de globalização*. Geografia, Rio Claro. V, 35, n.1, p. 51-62, jan./abr., 2010.